

Análise do discurso da oficina de Educação Ambiental como ferramenta de inclusão social da CORSAN.

Analysis of the discourse of the Environmental Education workshop as a social inclusion tool of CORSAN.

Rildo Goulart Peres¹

Rochele de Quadros Loguercio²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul^{1,2}
rildogperes@gmail.com¹, rochelel@icloud.com²

Resumo

Há na Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) uma parceria com a Prefeitura Municipal de Canoas (PMC) desenvolvendo uma sistemática de Educação Ambiental, em 2016: fez-se uma série de oficinas que pretenderam ser uma ferramenta de inclusão social para os sujeitos participantes do Programa Minha Casa, Minha Vida do Governo Federal. O presente trabalho teve como objetivo analisar o discurso didático-pedagógico numa perspectiva das estratégias de posicionamento dos sujeitos interpelados nestas oficinas, cujo caráter expositivo-dialogadas e prático-expositivas permitem uma análise das relações de assujeitamento numa perspectiva do filósofo francês Michael Foucault. As observações do discurso evidenciaram uma perspectiva que se apoia na pedagogia criada nos anos 80 de CTS. Uma das evidências bastante preocupante nesse estudo é a culpabilização dos sujeitos em detrimento dos impactos ambientais provocados pelas grandes indústrias e agroindústria, inclusive a própria CORSAN.

Palavras chave: sujeito, educação ambiental, multiplicador ambiental, discurso.

Abstract

There is partnership with the Government of Canoas in Companhia Riograndense de Saneamento developing a system of Environmental Education in 2016: a series of workshops were held that sought to be a social inclusion tool for the subjects participating in the Minha Casa, Minha Vida Program of the Federal Government. The present work had the objective of analyzing the didactic-pedagogical discourse in a perspective of the strategies of positioning of the subjects questioned in these workshops, whose character expositive-dialects and practical-expository allow an analysis of the relations of subjection in a perspective of the French philosopher Michael Foucault. The observations of the discourse showed a perspective that is based on the pedagogy created in the 80's of CTS. One of the very worrying evidence in this study is the culpability of the subjects to the detriment of the environmental impacts caused by the large industries and agribusiness, including CORSAN itself.

Key words: Subject, environmental education, environmental multiplier, discourse.

Introdução

A CORSAN, presente em mais de 300 municípios no estado do Rio Grande do Sul (RS), atua nos segmentos de tratamento de água e de esgoto e realiza, ainda, ações de Educação Ambiental (EA) na comunidade na qual está inserida pelos funcionários denominados de Multiplicadores Ambientais (MAs). No entanto, a CORSAN não possui um programa de EA institucionalizado que oriente, capacite ou defina qual perspectiva teórica escolhida para embasar as ações e/ou intervenções realizadas nas escolas ou em visitas nas Estações de Tratamento de Água e Esgoto. Porém existe um discurso similar entre todos os funcionários nas cidades em que a CORSAN celebrou um Contrato de Programa ou de Concessão e “[...]essa não é uma fala particular dos técnicos, é o discurso da própria empresa: eles falam por ela” (FERREIRA, 2000, p.305). Desta forma pretende-se realizar uma análise de posicionamento dos sujeitos participantes das oficinas de EA como ferramenta de inclusão social. A escolha sobre o sujeito dessas e nessas oficinas se deve a entendê-lo como lugar no discurso e ao mesmo tempo como materialidade de inscrição dos acontecimentos históricos, no sentido dado por Foucault que define sujeito como um corpo, uma

[...]superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supões a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo.”(FOUCAULT, 2002 p.22)

Ao colocar o sujeito no centro da análise dos discursos correntes nas oficinas não se pode prescindir de uma análise dos efeitos no discurso, e portanto, nos sujeitos de determinadas relações de poder, como por exemplo,

[...] estudar os procedimentos e as técnicas utilizados nos diferentes contextos institucionais, para atuar sobre o comportamento dos indivíduos tomados isoladamente ou em grupo, para formar, dirigir, modificar sua maneira de se conduzir, para impor finalidades à sua inação ou inscrevê-la nas estratégias de conjunto, conseqüentemente múltiplas em sua forma e em seu local de atuação (FOUCAULT, 2010, p.238).

Esses dois conceitos presentes na metodologia de análise foucaultiana – sujeito e poder – são melhores entendidos quando entendemos o conceito de verdade em Foucault. A tríade sujeito/poder/verdade constitui uma ferramenta poderosa de análise, pois o jogo constitutivo dos lugares de poder que definem os modos de saber não estão isolados das produções de verdade. Para Foucault verdade é “[...] o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder[...].” (FOUCAULT, 2002, p.13).

A análise e a compreensão em relação aos discursos, aos ditos e também aos não ditos dos MAs nas oficinas de inclusão social da CORSAN, oferecidas em parceria com a PMC, é ponto fundamental para entender as estratégias de comunicação em relação à EA abordadas pela empresa.

Ferreira (2000, p.81) aborda a EA como não preocupada somente com a continuidade da vida mas “vinculada a estratégias políticas e econômicas de desenvolvimento das nações” no qual as empresas precisariam estar “constantemente realizando ações voltadas para a manutenção

do equilíbrio ecológico como estratégia de subsistência” (ibidem, p.81) pois estariam sujeitas a prejuízos políticos e econômicos assim como penalizações legais por não cumprirem as legislações pertinentes aos seus processos.

Carvalho descreve estas ações de EA como sendo comunitária ou popular extrapolando a educação formal envolvendo a comunidade de modo geral como “[...] uma intervenção ligada a identificação de problemas e conflitos concernentes as relações dessas populações com seu entorno ambiental, seja ele rural ou urbano” (2012, p.159).

Nesse sentido a oficina extrapola seu espaço pedagógico e se constitui como uma estratégia de conformação de um determinado sujeito que vá ao encontro do que é desejável nessa sociedade de governo. Para Foucault estratégia “incide sobre o engendramento deste produto, a fim de garantir que o resultado esteja sintonizado com seus objetivos” (FONSECA, 2003, p.53). Foucault escreve ainda que “todas estratégias disciplinares têm um único objeto de aplicação: o corpo vivo do indivíduo. As disciplinas realizam uma anátomo-política do corpo humano (ibidem, p.85).

O posicionamento dos sujeitos demanda uma série de estímulos tanto discursivos como não discursivos. Para que se consiga assujeitar tais sujeitos não se pode ter uma estratégia didática voltada para a exposição cotidiana de palestras que privilegiam a transmissão de um saber. É necessário que o discurso, em concordância com outros tantos discursos, seja capaz de interpelar seus sujeitos pois

“não há método posto de antemão, mas a invenção de caminhos a partir dos problemas enfrentados. Se falarmos em método, falamos a posteriori; só é possível identificar o caminho da invenção, da criação, depois que ele foi percorrido. Empirismo radical e absoluto, sem a prioris e inatismos, cujo único ponto de partida possível é o problema com experiência sensível (GALLO, 2008, p.126)”.

O sentido da experiência presente na fala de Gallo é exatamente ao que Foucault se refere quando analisa os diferentes modos de sujeição que marcam os corpos, a experiência é algo que nos afeta, vivê-la sob outras possibilidades é agir na constituição de si.

Um das dificuldades de trabalhar com EA com sujeitos já constituídos como indivíduos, mas não governados é repensar o olhar a respeito da natureza longe da perspectiva de uma ciência pura e imparcial que pode estar influenciando a nossa sociedade nas últimas décadas, pois “a cisão cartesiana entre a natureza e cultura é a base da educação moderna e constitui-se em um dos principais entraves para a promoção de uma EA realmente profícua” (GRUN, 2006, p.55) Este olhar “naturalizado da natureza” em que “tende a ver a natureza como o mundo da ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, o qual segue vivendo como autônomo e independente da interação com o mundo cultural humano” (CARVALHO, 2012, p.35) decorre da percepção da natureza como um fenômeno biológico e independente do ser humano e que qualquer contato acaba por contaminar este lugar de pureza.

Assim quais seriam as expectativas e os valores sócio-históricos contidos neste olhar naturalizado da natureza para estes sujeitos participantes da natureza? Poderíamos entender a ciência e a tecnologia dentro dos contextos sociais sem negar o saber científico em que a

[...]Em nome da objetividade e da busca de um conhecimento que pudesse ser traduzido em leis gerais, a racionalidade moderna acabou expulsando a complexidade. Afirmou-se uma visão dualista e mecânica do mundo e da natureza [...]. No método científico, a separação entre o sujeito e o objeto desdobrou-se em outras polaridades excludentes com as quais aprendemos a pensar o mundo: natureza/cultura, corpo/mente, sujeito/objeto, razão/emoção

(CARVALHO, 2012, p.116)

Ou seja para formular uma “Educação Ambiental Crítica há um discurso de rupturas com paradigmas científicos modernos” (SILVA, 2014, p.88) analisando criticamente o assunto e em especial os seus desdobramentos para o ensino escolar (idem).

Uma das rupturas seria uma EA transdisciplinar na educação formal do aluno como uma estratégia de assujeitamento. Veiga-Neto (1996) define transdisciplinar como o quarto e último nível na questão disciplinar em que ocorreria uma fusão disciplinar sem identificar os limites entre as antigas disciplinas. Veiga-Neto (1996) aborda ainda o fracasso deste movimento em virtude da formação disciplinar dos professores profundamente enraizada na forma de pensar pela qual o mundo contemporâneo foi organizado, bem como as relações de poder-saber implicadas com um saber disciplinar.

A EA, partindo dessa discussão proposta por Veiga-Neto (1996), estaria no nível multidisciplinar em que as disciplinas abordam esta temática de forma compartimentada, sem troca de informações, no entanto, em alguns casos ocorre um segundo nível chamado de pluridisciplinaridade com uma interação entre as matérias/disciplinas. Em alguns projetos de EA ocorre o terceiro nível definido por Veiga-Neto (1996) como interdisciplinar, um novo nível de conhecimento construído na reciprocidade, mutualidade ou de copropriedade estabelecendo um diálogo entre os interessados.

Assim se supõe que, ao compreender os problemas e conflitos ambientais existentes na relação do ser humano e ambiente de forma pós-crítica por uma EA interdisciplinar, contribui para identificar os efeitos de uma possível “[...] mudança de valores e atitudes formando um *sujeito ecológico* capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas” (CARVALHO, 2012, p.158-159).

A CORSAN e suas oficinas carregam consigo alguns discursos sobre como estar no mundo e ser no mundo em relação aos sujeitos moradores do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) e é muito importante que o identifiquemos.

Metodologia

As oficinas analisadas foram realizadas no primeiro semestre de 2016 em três condomínios pertencentes ao PMCMV do Governo Federal para a faixa 1, moradores de baixa renda que recebem o auxílio Bolsa Família. As oficinas contaram com a presença de dois funcionários da CORSAN sendo auxiliados por funcionários da PMC, atendendo 350 moradores na primeira oficina, 52 moradores na segunda oficina e 10 na terceira oficina.

A divulgação para a participação das oficinas é realizada pela PMC como requisito para os moradores contemplados receberem a posse do imóvel. As oficinas da CORSAN foram realizadas em dois momentos: no primeiro, o funcionário aborda questões de preservação ambiental e cuidados com a água, além de focar a problemática dos resíduos sólidos e poluição na cidade. Este funcionário utilizou a metodologia expositivo-dialogada em conjunto com a prática-expositiva na qual realizou o tratamento de água do manancial utilizado pela CORSAN. No segundo momento uma funcionária da empresa apresentou a estrutura tarifária utilizada como forma de orientar sobre o desperdício no consumo de água e as suas consequências para o orçamento familiar.

Ao final destes dois momentos na oficina da CORSAN, um funcionário da PMC também apresentou algumas informações sobre a estrutura do condomínio e os custos operacionais comuns a todos do mesmo porte.

Os objetos de análise utilizados nesse texto e considerados como o *corpus* de pesquisa foram as apresentações dos funcionários da CORSAN, o material utilizado como apoio para divulgação e informação aos participantes das oficinas. Foi utilizado como referencial teórico o filósofo francês Michael Foucault para análise dos discursos de conformação dos sujeitos.

Resultados e discussões

As oficinas, poderiam não estar contribuindo para a formação do sujeito ecológico de forma a provocar um despertar ambiental para os problemas ambientais causados por empresas poluidoras, pela agroindústria ou pela própria CORSAN e os seus impactos na qualidade da água de superfície. O que levou ao questionamento de como o material utilizado pelos MAs é preparado e ainda mais como são capacitados estes funcionários.

Assim, sob a perspectiva de Foucault, foi necessário limpar os estratos do objeto de análise de forma a fazer um exercício de genealogia do surgimento deste Multiplicador Ambiental (MA) na CORSAN e de como é operacionalizado pela empresa estas situações. O que nos fez buscar as legislações e documentos/normas da CORSAN sobre EA e como pode ter influenciado as ações de EA executadas pela empresa.

O surgimento deste sujeito marcamos como um acontecimento conforme a definição elaborada por Foucault:

“[...]não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada mascarada (FOUCAULT, 2002, p.28)

Deleuze define acontecimento como sendo “[...] por si mesmo [...]problemático e problematizante [...] determinado senão por seus pontos singulares que exprimem suas condições[...]” (DELEUZE, 2003, p.57). Estes pontos singulares que problematizaram a questão ambiental e a constituição do sujeito MA será abordado considerando o saber dominado, “blocos de saber histórico que estavam presentes e mascarados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos e que a crítica pode fazer reaparecer, evidentemente através do instrumento da erudição” (FOUCAULT, 2002, p.170).

O MA é o termo referente ao funcionário concursado em qualquer cargo da empresa cujo pré-requisito é a disponibilidade em atender as demandas da comunidade local: palestras com temática água e/ou meio ambiente. Esta denominação não consta no Plano de Cargos e Carreira (CORSAN, 2001) e foi criado e redefinido ao longo da história da empresa pois “as ações de cunho educativo sempre foram executadas na CORSAN, porém, na estrutura organizacional este aspecto foi tratado de diferentes formas ao longo do tempo” (CORSAN, 2015, p.1).

No período entre 1967 e 2001 os responsáveis pelas Estações de Tratamento de Água (ETA) eram funcionários capacitados internamente para multiplicar o conhecimento adquirido (regime de verdade instituído) para os novos funcionários e fomentar parcerias para realizar visitas na empresa, orientados pela Superintendência de Tratamento (setor interno da empresa responsável pela qualidade da água tratada). Esta “verdade” na CORSAN tem como característica a centralização em um discurso científico vinculado a incitação econômica e política, sendo objeto de intensa difusão entre todos os departamentos produzida e transmitida sob controle dos técnicos da Companhia, assim como objeto de debate político conforme é definido por Foucault em “economia política” (FOUCAULT, 2002).

Esta capacitação organizada e ministrada pelo corpo técnico da empresa constituído por engenheiros (civis, químicos, eletromecânicos), químicos (bacharéis e industriais) e biólogos (bacharéis) com uma carga horária de 350 horas realizadas em um local, quase como se fosse um “retiro”, preparava os funcionários para atuarem como responsáveis pelas ETAs nas cidades para quais foram designados.

As visitas nas ETA eram um combate “pela verdade” apresentando um “conjunto de regras distinguindo o verdadeiro do falso e atribuindo ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2002, p.13) pois eram caminhadas orientadas apresentando o processo de tratamento e a importância na saúde da população em consumir a água produzida no local. Fazendo uso do discurso científico, os técnicos da CORSAN destacavam os benefícios de consumirem uma água tratada e não uma fonte alternativa (poços artesianos, por exemplo).

Esta situação permaneceu até fim do governo de Antonio Brito¹ em 1998, pois era um momento de privatizações de outras empresas públicas como, por exemplo, a Companhia Riograndense de Telecomunicações e da Companhia Estadual de Energia Elétrica fomentando mudanças na gestão da CORSAN.

A CORSAN foi privada de acesso a financiamentos do governo federal pelo sistema Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) decorrente da política neoliberal de Fernando Henrique Cardoso (Tabela 1) cuja concepção

busca estender a racionalidade do mercado, os esquemas de análise que ela propõe e os critérios de decisão que sugere a domínios não exclusivamente ou não prioritariamente econômicos. No caso, a família e a natalidade ou a delinquência e a política penal (FOUCAULT, 1997, p.96)

No caso do RS a racionalidade do mercado foi condicionada a perda do controle acionário das companhias estatais (SOUSA, 2016) e associado a uma norma interna da CORSAN (residências com quatro pontos de água e de até 60m² de área construída estavam isentas do pagamento do consumo de água, independente da quantidade expedida) ainda no governo de Alceu Collares², a empresa estava em um processo de sucateamento e diminuição da sua imagem frente a sociedade.

ANO	Valor anual investido (R\$)
1996	1.005.400.851,00
1997	1.353.986.000,00
1998	217.297.000,00

Tabela 1 – Investimentos do FGTS em saneamento básico (SOUZA, 2016).

O domínio sobre a família foi constatado em 1999, primeiro ano do mandato de Olívio Dutra³, com o programa de esgotamento sanitário implantado em Gravataí, em que foi fornecido, no Governo de Antonio Brito, um banheiro patente a dois metros do poço cavado de água imprópria para consumo, provocando problemas de saúde nos moradores. Os problemas de saúde constatados nesta obra na população “beneficiada” e alardeados nos meios de comunicação da época, provocaram a contratação de uma pedagoga com expertise em ações socioambientais que prestava serviço no Departamento Municipal de Água e Esgoto

¹ Governador do RS (1995-1998).

² Governador do RS (1991-1994).

³ Governador do RS (1999-2003).

de Porto Alegre. Para resolver este problema foram realizadas parcerias entre a Prefeitura, CORSAN e os moradores para implantar rede coletora de esgoto e de água potável. Esta parceria inovadora colocando compromissos para as partes envolvidas foi uma das singularidades que contribuíram para o “acontecimento”, isto é, o Programa de Educação Ambiental que durou de 2001 a 2011.

A falta de preparação contínua para a constituição de um corpo de MAs cuja discussão ambiental seja bastante fundamentada em estudos didáticos e técnicos sobre EA e ambiente indicam que esse assunto já está resolvido e é de senso “técnico” comum, ignorando-se assim que os discursos sobre ambiente não são únicos e definitivamente não são tranquilos.

As oficinas são construídas de forma reativa conforme a demanda solicitada por escolas, instituições e prefeituras, cujos oficinairos são chamados de MAs na CORSAN. Existe uma orientação na intranet/CORSAN (CORSAN, 2016) de como encaminhar as solicitações para o seu atendimento, mas não qual metodologia e abordagem conceitual que deveriam ser utilizadas.

Os materiais utilizados pelos MAs são divididos em uma apresentação no formato em *power point* constituídos de 32 *slides* e um vídeo. Dos 32 *slides*, 15 são oriundos de materiais produzidos em outras campanhas da empresa e adaptadas para a oficina e os demais são materiais produzidos pelos MAs a partir de imagens obtidas da *internet* sendo legitimados pela empresa como discurso ecológico imbricado com o discurso científico para os participantes.

Os *slides* são constituídos de imagens e informações sobre o processo de tratamento de água, dicas sobre como economizar água, impactos de produtos lançados nas redes de esgoto das residências, destinação e separação do lixo e os impactos causados pelos rios contaminados por redes de esgotos cloacais clandestinas.

O vídeo utilizado mostra uma ETA e os processos de tratamento utilizando um discurso científico concomitantemente a prático-expositiva em que realiza o tratamento de água com uma amostra do manancial de superfície utilizado pela CORSAN para captação. O MA realiza um processo de discussão científica solicitando hipóteses sobre o estado do manancial e quem seria o “culpado” pela falta de qualidade. A arguição dos participantes pode ter sido influenciada pela dinâmica utilizada pelo MA de forma a fortalecer a hipótese do usuário poluidor. A Figura 01 é o *slide* número 8 e apresenta dados referente ao consumo de água pelo brasileiro em que o MA, na sua fala, demonstra preocupação com o desperdício de água e o impacto financeiro para as famílias. A busca da PMC em fomentar uma parceria com a CORSAN para elaboração de oficinas com discurso ecológico atravessado pelos discursos científicos, publicitário e/ou social marcados pelo uso “consciente” ou o uso racional da água de forma a prover o ambiente local para melhorar e dar qualidade à vida da população.



Figura 01: http://www.zedudu.com.br/wp-content/uploads/6330e503671f_F70B/Semanadagua_thumb.jpg

Após o *slide* 16 o MA mostra uma sequência em que apresenta o processo de tratamento de esgoto da CORSAN e a sua eficiência realizando uma comparação com o esgoto gerado pelas residências e o impacto causado nos mananciais como é mostrado na Figura 02.

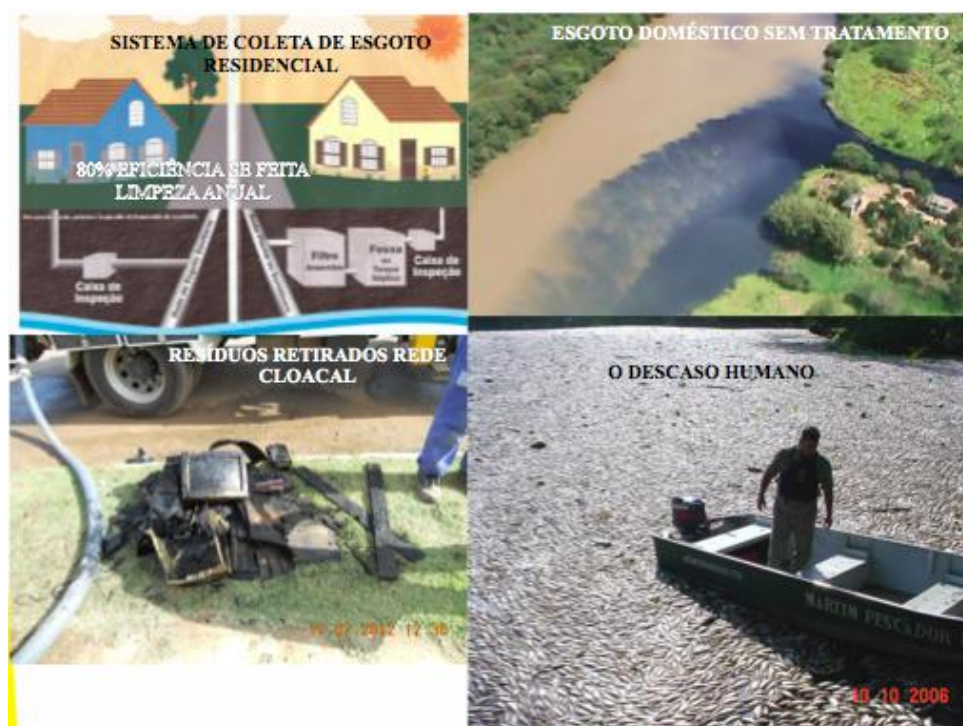


Figura 02: Sequência de slides culpabilizando o sujeito pelos impactos ambientais nos mananciais hídricos.

As discussões sobre os *slides* apresentados eram um combate “pela verdade” apresentando um “conjunto de regras distinguindo o verdadeiro do falso e atribuindo ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2002, p.13) pois eram palestras prático-expositivas apresentando o processo de tratamento e a importância na saúde da população em consumir a água produzida pela CORSAN. Fazendo uso do discurso científico, os MAs da Companhia destacavam os benefícios de consumir uma água tratada e não uma fonte alternativa (poços artesianos, por exemplo).

Como vimos nesses recortes dos materiais analisados, há um discurso que problematiza a

ação do sujeito individual, tomando-o como responsável pela sua demora no banho, pelo número excessivo de descarga que aciona, etc, mas em contraposição não há uma discussão dos produtos industrializados que o indivíduo adquire e que em sua manufatura consomem e poluem muita água, como, por exemplo, os produtos da indústria do couro. Mais que isso, a problematização de uma vertente direta de economia da água (a doméstica) promove um lugar no discurso para um sujeito culpado, descuidado e irresponsável, como acontece em outros discursos ambientalistas.

É difícil que a reverberação desse discurso não promova um assujeitamento dos indivíduos e ao estabelecer-se esse discurso como o da ordem, retoma-se uma posição neoliberal bastante tranquila para a estatal, pois é o sujeito "gastador" da água que sofrera as consequências de sua incômoda postura social.

A empresa por sua vez, ao omitir ou delegar a segundo plano uma discussão sobre as tantas outras empresas que poluem e/ou gastam muito a água, não se compromete com sua própria ação daninha. Cumpre a legislação e ao mesmo tempo se regozija por fazer ações sociais politicamente corretas.

A análise das legislações mostrou que na Política Estadual de Educação Ambiental, no seu artigo 3 e inciso V aborda as atividades de EA que devem ser desenvolvidas no estado do RS informando que são

às empresas, instituições públicas e privadas e entidades de classe, promover programas destinados à educação ambiental dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente e as condições de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente, inclusive sobre os impactos da poluição sobre as populações vizinhas e no entorno de empreendimentos que causem impacto ambiental (RS, 2002).

A preocupação ambiental está incluso na Constituição Estadual do RS nos artigos 250 e 251(RS, 1989) afirmando que é essencial a manutenção do meio ambiente para a sadia qualidade de vida pois

todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo, preservá-lo e restaurá-lo para as presentes e futuras gerações, cabendo a todos exigir do Poder Público a adoção de medidas nesse sentido (RS, 1989)

Ou seja, a EA deveria ser uma atividade intrínseca aos processos principais da empresa visando não somente os seus clientes mas também os seus funcionários evitando que ocorram ações mais pontuais dependentes de iniciativas de funcionários preocupados com o discurso ecológico. Estes excertos de legislações estaduais sobre a preocupação ambiental denota o uso da Educação Ambiental como uma das ferramentas de melhoria do meio ambiente ecologicamente equilibrado mas não especifica a sua definição deixando a critério das empresas a metodologia a ser definida. Ou ainda ser usada como ferramenta de propaganda da empresa de forma intencional ou não.

Considerações finais

As observações das oficinas ofertadas pela CORSAN apresentou alguns questionamentos do pesquisador sobre qual seria o papel constituidor dos discursos e de que modo é integrante no planejamento estratégico da empresa. O discurso ecológico utilizado pelos MAs nestas oficinas parece colidir com o aspecto financeiro da empresa, uma vez que destaca a importância de consumirem água com parcimônia para evitar o desperdício de água, o que

impactará na arrecadação.

No entanto, além de orientar sobre o desperdício de água o MA percorre a trajetória dos esgotos cloacais gerados pelos sujeitos e o seu impacto no meio ambiente, sem que se faça uma discussão acerca dos grandes poluidores, como por exemplo a indústria, agroindústria e a própria CORSAN, quando tangencia a problemática do lodo gerado pelas ETAs e a perda nos seus processos produtivos de água potável.

A EA é utilizada como uma estratégia da empresa de fortalecer a marca e atender a legislação assujeitando os sujeitos para auxiliar na preservação ambiental dos mananciais hídricos de superfície qualificando o recurso natural de forma a diminuir os custos operacionais de tratamento de água e de esgoto, mas sem provocar o despertar ambiental para a constituição do “sujeito ecológico”.

Referências

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação: a formação do sujeito ecológico**. 6a ed. São Paulo: Cortez, 2012, 256 p.

CORSAN. **Plano de Cargos e Salários CORSAN**. Disponível na intranet/CORSAN. Acesso em: 10 ago 2016, 2001.

_____. **Relatório Assessoria de Educação Ambiental**. Disponível na intranet/CORSAN. Acesso em: 10 jun 2016, 2015.

_____. **Normas de Procedimento 01, 02 e 03**. Disponível na intranet/CORSAN. Acesso em: 10 out 2016, 2016.

DELLEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Trad. FORTES, Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FERREIRA, Maira. **O cotidiano, o meio ambiente e o nacionalismo constituindo as ações educativas de uma empresa estatal**. 2000. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

FONSECA, Marcio Alves. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michael. **Resumos do Collège de France:(1970-1982)**. Tradução de Andrea Daher. - Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Ditos e Escritos II**. Tradução Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Microfísica do poder** (tradução de Roberto Machado). 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. **Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GALLO, Silvio. O problema e a experiência do pensamento: implicações para o ensino da filosofia. In. BORBA, Siomara.; KOHAN, Walter O. **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GRUN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária**. Campinas: Papyrus, 2006.

RIO GRANDE DO SUL. Constituição (1989). **Constituição do Estado do Rio Grande do**

Sul: Porto Alegre: CORAG, 1989. 133 p. Disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/dal/LinkClick.aspx?fileticket=IiPguzuGBtw%3d&tabid=3683&mid=535>. Acesso em: 05 jan. 2017.

_____. **Lei Estadual nº 11.730 de 09 janeiro de 2002.** Plano Estadual de Educação Ambiental. Rio Grande do Sul, 2002.

SILVA, Luciana Ferreira da. **Educação Ambiental Crítica.** Jundiaí: Paco, 2014.

SOUSA, Ana Cristina Augusto de. **Por uma política de saneamento básico:** A evolução do setor no Brasil. Disponível em: http://www.achegas.net/numero/30/ana_cristina_30.pdf. Acesso em: 02 jul 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. **Currículo, disciplina e interdisciplinaridade.** Revista Brasileira de Ciências do esporte, v.17, n.2, 1996, p.128-137.